

ANC X

ANC P11

Assombração no fim do túnel

Villas-Bôas Corrêa

O doutor Ulysses Guimarães andou errando muito nos seus cálculos encharcados de otimismo sobre o andamento dos trabalhos da Constituinte. A começar pela cincada de prever a promulgação da futura Constituição para 7 de setembro do ano passado, que caracteriza um desacerto de carga dupla: um desvio de mira de mais de ano e a fixação de data para a Assembléia até então descompromissada com prazo. A desgastante cobrança pela demora, a impaciência pela sensação do tempo desperdiçado penduram-se no equívoco do milionário de presidências.



Não é hora de relembrar os muitos enganos espalhados no roteiro de 19 meses, quando a última estação da caminhada está à vista. E Ulysses redimiou-se com a dedicação obstinada com que se entregou, de corpo e alma, à tarefa de tocar a Constituinte, apelando inclusive, para a ajuda do céu e de defendê-la das críticas e incompreensões.

Ora, o presidente está prevendo o final da votação do segundo turno para a semana que vem, dentro de mais 10 dias ou pouco mais. Se não surgir nenhum obstáculo, como a tentativa de obstrução tantas vezes contornada e, claro, desde que os constituintes se disponham ao brutal sacrifício de espichar o mutirão pelo fim de semana, suportando estoicamente o sábado e o domingo na pasmaceira de Brasília, ainda que pagos a peso de ouro.

Com mais ou menos uns poucos dias, a Constituinte estará dando por terminada a montagem da nova Carta. Ficará faltando o seu polimento gramatical, os retoques para a aprovação do texto final. E marcar a data para a festa da promulgação. Com direito a toda a pompa e fanfarras. Sim senhor, e sem favor nenhum.

Por entre erros e acertos, arrancadas e retrocessos, batendo com a cabeça na parede, contornando crises, absorvendo imprevistos armados pelas artes do destino, o projeto de transição democrático está sendo levado com largo consumo de competência e já pode ser analisado como uma peça de ourivesaria política. Assim reconhecido, pouco a pouco, pela sociedade que recicla conceitos e comemora o surpreendente índice de aceitação das suas reivindicações no texto muito além das expectativas manchadas pela impaciência.

A Constituição que o senador Afonso Arinos -mestre que não perdeu o compasso do tempo - conceitua como do "resgate da dívida social". Portanto, do reencontro com as fontes da transição, com a inspiração da fabulosa marcha da sociedade, em mobilização consensual, coerente e determinada em todo o percurso da virada.

Não é só. O calendário eleitoral traça os dois derradeiros estágios do trajeto, com renovação de prefeitos e vereadores este ano e a sucessão presidencial de 89. A posse do eleito pelo voto direto, unguido pela legitimidade da maioria absoluta, a 15 de março de 1990, fecha a transição. Dai em diante, vida nova.

Pois esse raro instante de esperanças renascidas, coincide com uma dessas datas que não se comemoram mas, que sempre convém recordar exatamente para não se perder no esquecimento: ontem, 25 de agosto, há 27 anos, Jânio Quadros renunciou à presidência da República, depois de sete meses de governo polêmico, controverso, com os seus toques de pitoresco e os repelões de afirmação de autoridade. Ao seu jeito, no estilo próprio e inconfundível.

Os obituários de um dos momentos de mais funda depressão desses decênios tumultuados, registram que Jânio arma a recidiva, para a desforra da alma, repetindo todos os truques que deram certo em 60 e que, nos outros bis, acumularam fracassos até novo sucesso na eleição para prefeito de São Paulo, em 85, infiltrando-se na brecha escancarada pelos escorregões dos favoritos e com o inegável fascínio remanescente da vassoura, da oratória de pausas que angustiam, das mesóclises, da prosódia pernóstica.

Não se inova. Cópia-se. Parece a reprise de desbotado filme preto-e-branco, com legendas apagadas, atores com roupas fora de moda, catadas no baú do sótão. A sessão saudosista anuncia a reabilitação do protagonista, apregoando os êxitos da administração da prefeitura da maior capital do país.

Nos intervalos das ausências, justificadas pela doença da mulher, Jânio emplaca seus inegáveis acertos. Os paulistas se dizem satisfeitos: São Paulo exibe um ar de limpeza, ordem, requintes de floridos embelezamentos.

Tudo bem. Mas não é por aí.

Jânio pode reafirmar-se como excelente prefeito. Jogar na mesa o balanço positivo do seu inacabado mandato de governador de São Paulo.

E a renúncia? Como engolfá-la 27 anos depois, quando suas conseqüências estão às vésperas de serem corrigidas?

Incrível que ainda se discutam as suas verdadeiras motivações, como se houvesse dúvida possível, pontos obscuros a serem deslindados. Se Jânio não explica, disparando múltiplas versões estrambóticas, é porque não convém assumir sua precisa explicação: uma provinciana manobra golpista e que por pouco, por muito pouco, não se completa. Falhou na previsão da rapidez com que o Congresso oficializou o pedido, criando o fato consumado. Fracassou a pretensiosa antevisão de desatinadas reações do povo desesperado com o gesto do seu guru.

Lideranças sobem e descem na gangorra da vida. Soa porém, como um lúgubre dobre de finados em pleno carnaval, como molecagem em velório, dar uma volta tão extensa, pagar conta de prisões, luta, tortura, mortes, desaparecimentos, exílios, anistia, a virada do Colégio Eleitoral, o trauma da morte de Tancredo, a ilusão do cruzado, 19 meses de Constituinte, duas eleições e depois, apagar tudo e recomeçar no exato ponto de partida.

Para quê? Só para acertar a biografia do setentão? Para a terapia de frustrações curtidas na solidão dos cargueiros, nos derivativos que entorpecem remorsos?

Franco, é de chorar. Mesmo improvável, arrepiando, assustado. Mal comparando, como se ao fim do longo túnel escuro, o clarão da alvorada iluminasse uma assombração.

26 AGO 1988

JORNAL DO BRASIL